



cursos & palestras



Solange Ribeiro de Oliveira

Hamlet

Leituras contemporâneas

JTE
Jessitura

Belo Horizonte . 2008

Copyright © Solange Ribeiro de Oliveira, 2008
Todos os direitos da Edição reservados à Tessitura Editora

Capa e Projeto Gráfico
Milton Fernandes

Revisão
Erick Ramalho

Editora responsável
Maria Adélia Vasconcelos Barros

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Nina C. Mendonça – CRB 1228-6

S527h.Yo-h

Oliveira, Solange Ribeiro de.

Hamlet : Leituras contemporâneas / Solange Ribeiro
de Oliveira. – Belo Horizonte : Tessitura; CESH, 2008.
64 p. ; 11 x 17 cm. (cursos & palestras).

Bibliografia: 59-61.

ISBN: 978-85-99745-15-1

1. Shakespeare, William, 1564-1616. Hamlet. Crítica
e interpretação. 2. Teatro inglês (Tragédia). I. Título.

CDD : 822.33

Tessitura Editora
Av. Getúlio Vargas, 874 . sala 1503
30112 - 020 . BH . MG . Brasil
Telefax: 55 . 31 . 3262 0616
www.tessituraeditora.com.br



Sumário

Nota da Editora Geral 7

Hamlet

Leituras contemporâneas 11

Introdução 13

Ancestrais da peça 15

Recriação e transcrição 17

O universo textual 19

Construção do texto 21

Forma e linguagem do texto 24

Personagens 27

Hamlet 27

O rei Cláudio 33

A rainha Gertrudes 42

Ofélia 46

Hamlet e a questão social 49

Reescritas de Hamlet 52

Bibliografia 59

Sobre a autora 63



Centro de Estudos Shakespeareanos (CESH)

EDITORA GERAL

Aimara da Cunha Resende

EDITOR ADJUNTO

Erick Ramalho

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dr. Ángel-Luis Pujante | Universidad de Murcia (Espanha)

Profa. Dra. Fátima Vieira | Universidade do Porto (Portugal)

Prof. Dr. José Roberto O'Shea | UFSC

Profa. Dra. Margarida G. Rauen | FAP

Profa. Dra. Marlene Soares dos Santos | UFRJ

Prof. Dr. Michael Warren | University of California (EUA)

Prof. Dr. Saulo Cunha S. Brandão | UFPI

Profa. Dra. Solange Ribeiro de Oliveira | UFMG

Prof. Dr. Thomas LaBorie Burns | UFMG

COMISSÃO REVISORA

Profa. Dra. Adelaine LaGuardia | UFSJ

Profa. Dra. Anna Stegh Camati | UNIANDRADE

Profa. Dra. Elinês Oliveira | UFPB

Profa. Dra. Liana Leão | UFPR

Profa. Dra. Magda V. S. Tolentino | UFSJ

Profa. Dra. Márcia Martins | PUC-Rio

www.funedi.edu.br/cesh

cesh@funedi.edu.br

Coleção Cursos & Palestras

Nota da Editora Geral

A presente publicação, baseada no curso “Hamlet: Leituras Contemporâneas”, oferecido pelo CESH, e ministrado pela Professora Doutora Solange Ribeiro de Oliveira, em outubro de 2006, é a primeira da coleção *Cursos e Palestras*, do Selo CESH, que o Centro de Estudos Shakespeareanos e a Tessitura Editora, buscando um ideal comum, vêm produzindo em conjunto, desde aquele ano. Esta série de publicações que ora se inicia visa atender tanto à solicitação dos participantes dos cursos quanto à procura, por nós observada, pelos profissionais de artes cênicas e pelos que buscam um maior aprofundamento em assuntos específicos da obra do dramaturgo.

Com “Hamlet: Leituras Contemporâneas”, buscamos estimular e expandir o estudo da peça *Hamlet*, possibilitando a uma ampla gama de leitores uma visão atualizada desta obra. Sabendo das dificuldades do acesso, em português, a estudos como o presente, erudito e profundo, mas de leitura agradável e sem academicismos, esperamos, com ele, satisfazer, em parte, a procura do público acima explicitado, carente de obras de qualidade e fácil aquisição, nesta área.

É necessário enfatizar, por outro lado, que a simplicidade que pretendemos manter em toda a série de publicações de textos baseados em cursos, textos estes escritos pelos próprios especialistas que os ministraram, não exclui, de forma alguma, os leitores que já têm maior

conhecimento da shakespeareana, dada a seriedade e o conhecimento de quem os compôs.

O Centro de Estudos Shakespeareanos (CESh) é uma associação nacional de pesquisa e apoio a produções artísticas relacionadas a William Shakespeare e ao Renascimento Inglês. Tem sua sede no Centro de Pós-Graduação e Extensão da Fundação Educacional de Divinópolis – UEMG, em Belo Horizonte, onde abriga uma biblioteca e uma videoteca em expansão, para uso por pesquisadores e demais interessados.

Contemplando parte dos objetivos do Centro de Estudos Shakespeareanos, a Tessitura Editora, imbuída do princípio de publicar “livros de preferência”, de indiscutível valor cultural, lançou o selo CESH, com a intenção de oferecer a pesquisadores, profissionais de artes cênicas, e leitores em geral subsídios tanto para maior conhecimento da obra de Shakespeare quanto para produções conscientes dessa obra.

O selo CESH se subdivide em três séries:

1. Traduções da shakespeareana.
2. Traduções de obras críticas internacionais, inéditas no Brasil, e de relevância para o aprofundamento do estudo de Shakespeare e/ou do Renascimento inglês.
3. Estudos críticos brasileiros da obra de Shakespeare e seus contemporâneos, preferencialmente desenvolvidos por membros do CESH, entre os quais se incluem os textos de cursos oferecidos por especialistas.

A seleção das obras é feita por um Conselho Editorial internacional e de reconhecido saber, especialmente no campo de estudos sobre Shakespeare e seu tempo. Os textos a serem publicados passarão,

sempre, por um revisor com conhecimento sólido da shakespeareana.

Com esta nova linha de publicações do selo CESh, o Centro de Estudos Shakespeareanos e a Tessitura Editora esperam preencher mais uma lacuna sentida por estudiosos e interessados no dramaturgo inglês e em sua relação com seu tempo e sua cultura. Isso, na certeza de poderem oferecer um trabalho sedimentado em pesquisas acadêmicas, mas viabilizado através de uma linguagem acessível ao leitor comum, sem, contudo, minimizar a qualidade que tais publicações exigem. Como a obra de Shakespeare foi, acima de tudo, escrita para platéias compostas de vários níveis sociais, é nosso objetivo acentuar tal característica, proporcionando, também, aos já iniciados e/ou aos iniciantes na leitura do mais universal dos dramaturgos e do mais contemporâneo autor de todas as épocas, a possibilidade de experiências que conduzam a imprescindíveis indagações e, esperamos, inesquecíveis produções artísticas.

Aimara da Cunha Resende
Editora Geral

Hamlet

Leituras contemporâneas



cursos

Introdução

Se fosse necessário escolher uma única peça que melhor ilustrasse a profundidade e a abrangência da criação dramática shakespeariana, e, simultaneamente, possibilitasse o maior número de leituras, a peça indubitavelmente seria *Hamlet*. Entretanto, nenhuma de suas edições contou com a revisão ou mesmo com a autorização de seu criador. O texto foi inicialmente publicado sob a forma de quartos, assim chamados pelo fato de a impressão, contendo uma única peça, ser feita em papel dobrado duas vezes, produzindo quatro folhas, ou oito páginas. O texto da primeira publicação, o “mau quarto” (*bad quarto*), datado de 1603, é por muitos considerado cópia apressada e espúria. O “bom quarto” (*good quarto*) é o segundo, de 1604, possivelmente baseado em manuscrito do próprio autor, e freqüentemente usado como texto básico para as edições modernas. Estas incorporam material encontrado no chamado Primeiro Folio (*First Folio*), coletânea de trinta e seis peças de Shakespeare, organizada e publicada em 1623 por seus amigos John Hemming e Henry Condell, sete anos após o falecimento do autor. Se totalmente encenada, como ocorreu em 1992, pela Real Companhia Shakespeariana (*Royal Shakespeare Company*) a peça, beirando quatro mil versos, dura quase cinco horas.

Primeira grande tragédia de Shakespeare, sucesso imediato de bilheteria, composta entre 1599 e 1601, e estreada no palco em 1603, a obra encontra o dramaturgo no ápice de seu gênio. Tendo transposto a etapa das peças históricas e comédias românticas, criadas na última década do século XVI, iniciara a fase das grandes tragédias e das comédias problemáticas (*problem*

plays), cujo desfecho aparentemente feliz mais ironiza que disfarça a amargura da condição hu-mana. Entre as tragédias, nenhuma resume mais claramente que *Hamlet* a dupla capacidade, própria do texto clássico, de remeter ao universal, e, ao mesmo tempo, manter-se compatível com diferentes visões de mundo, trazidas pelas revoluções culturais. Também seria difícil encontrar outra obra que, ao lado de seu apaixonante interesse, ofereça tantas possibilidades interpretativas, próprias de uma esfinge da literatura. Não sem razão, a peça vem sendo saudada por assinalar o raio da concepção moderna, pós-medievalista do ser humano. Por outro lado, no entrelaçar de sua espessa trama, condensa o tratamento de questões formais, próprias da poesia e do texto dramático, lado a lado com temas recorrentes nas obras-primas de todos os tempos. Ao especialista, ou ao simples apreciador da literatura, *Hamlet* oferece vasto material de contemplação. Engloba primorosa ourivesaria verbal e requintes de construção dramática, passando pela investigação psicológica — o mergulho nas profundezas do eu — sem descartar substratos históricos, sociais, filosóficos e metafísicos. Compreensivelmente a crítica contemporânea insiste no estudo da peça, acrescentando às investigações de *scholars* dos últimos quatro séculos abordagens variadíssimas, que incluem, entre outras, a desconstrucionista, a pós-histórica, a feminista, as perspectivas dos estudos culturais, de gênero e da crítica de recepção.

Ancestrais da peça

Para emoldurar o majestoso edifício de *Hamlet*, como, de resto, virtualmente toda sua obra dramática, Shakespeare não julgou necessário criar um novo enredo. Reescreveu uma velha lenda, uma saga mencionada pela primeira vez por Snæbjörn, poeta islandês do século X. Em fins do século XII, em sua história da Dinamarca, redigida em latim, o historiador e poeta Saxo Grammaticus refere-se à lenda, já então provavelmente influenciada pela história clássica de Lucius Junius Brutus. Na versão escandinava, o personagem central, com o nome de Amleth, vive a tragédia que constituiria o cerne da peça shakespeariana. Como Hamlet, Amleth suspeita que o rei seu pai tenha sido assassinado por um irmão, que o sucede no trono e desposa a rainha viúva. Privado do apoio paterno e da coroa, Amleth finge insanidade. Na *persona* aparentemente inócua de louco, espera mais facilmente apurar o possível crime do tio e a cumplicidade da mãe. A lenda escandinava já contém esboços de outros personagens integrantes do texto shakespeariano, como Ofélia, jovem cortejada pelo príncipe, e seu pai, Polônio, conselheiro do rei. A saga também menciona um plano frustrado de Cláudio, o irmão assassino. Para livrar-se do incômodo sobrinho (cuja loucura lhe parece suspeita), o padraсто/rei o envia para a Inglaterra, com um documento lacrado, que contém uma ordem secreta de morte contra o portador.

Ao não-especialista pouco interessam as discussões a respeito de detalhes dessas e de várias outras possíveis fontes de *Hamlet*. Mas não custa enumerar, entre elas, uma narrativa folclórica de Jutlândia e a história de Onela, rei sueco mencionado no poema saxônico

Beowulf, antepassado da literatura inglesa. Apontam-se também origens orientais (persas) ou célticas (irlandesas) para *Hamlet*, ou ainda, paralelos com os romances ingleses de Havelock, Horn e Bevis de Hampton. Secundariamente, detectam-se na peça shakespeariana referências a acontecimentos contemporâneos, como o suicídio de Hélène de Toumont, vítima de um amor trágico, semelhante ao dedicado por Ofélia a Hamlet.

No século XVI a versão de Saxo Grammaticus incorporou-se à coletânea *Histórias Trágicas* de François de Belleforest. Uma versão desta foi publicada em Londres em 1608. Nos anos 1580, já lá se tornara bastante conhecida uma tragédia de vingança, na tradição de Sêneca, baseada no texto de Belleforest. Conhecida como *Ur-Hamlet*, essa tragédia, tradicionalmente atribuída a Thomas Kyd, contemporâneo de Shakespeare (mas que críticos como Peter Alexander e Harold Bloom atribuem ao próprio Shakespeare), recupera as velhas histórias, embora de forma incomparavelmente menos complexa que na versão shakespeariana. Shakespeare incorporou ainda a *Hamlet* uma peça italiana intitulada *O Assassinato de Gonzago*. O enredo gira em torno do assassinato de um rei por seu irmão, usurpador do trono e da rainha, tal como suspeita Hamlet em relação à mãe e ao tio. O príncipe confia a representação de *O Assassinato de Gonzago* a atores ambulantes, semelhantes aos existentes no teatro renascentista, entremeando modificações e comentários que constituem uma súmula crítica da prática teatral na Inglaterra contemporânea. O objetivo da encenação é observar a reação do casal real, de forma a esclarecer as dúvidas de Hamlet sobre sua culpabilidade. As dúvidas brotam da maneira pela qual o príncipe tomara conhecimento do possível crime. Numa das cenas iniciais, ele lhe fora narrado

por um fantasma, que se apresenta como o pai, o velho rei, também chamado Hamlet. Segundo a doutrina protestante renascentista, então vigente na Inglaterra, fantasmas seriam manifestações demoníacas. Diante disso, o príncipe, já abalado com a orfandade recente e o apressado casamento da mãe viúva, hesita em aceitar a denúncia feita pelo fantasma. Disfarçado como o rei defunto, não seria ele um emissário do demônio, sequioso de perder as almas? A dúvida basta para explicar o adiamento da vingança, e rejeitar uma das leituras tradicionais, que atribui a protelação ao caráter irresoluto de Hamlet.

Recriação e transcrição

Como não se cansam de enfatizar os teóricos atuais, a utilização de textos anteriores, tão evidente em *Hamlet*, em nada diminui a obra literária. Ela é sempre já uma criação em palimpsesto, resultante de múltiplas metamorfoses e recriações: sob qualquer texto, entrelaçam-se invariavelmente cadeias de antecessores. Decisiva nesse processo — denominado transcrição — é a forma de utilização, pelo artista, do material apropriado. As transformações nele introduzidas constituem pedra de toque para o reconhecimento, no texto recriado, de uma obra nova.

Nessa linha, como outras peças de Shakespeare, *Hamlet* transfigura os antepassados da história, a ponto de torná-los quase irreconhecíveis. Na versão shakespeariana, o enredo projeta-se, ampliado, num esplêndido painel: aí se agigantam, além de grandes temas e mitos recorrentes na experiência artística, personagens inesquecíveis. Dotados de vida própria,

instigantes e multifacetados, lembram seres humanos, verossimilantes em suas contradições. A rainha Gertrudes, em sua meia-idade ainda sedutora, dividida entre lealdades contraditórias, debate-se entre preocupações com o filho inconsolável e visível atração pelo cunhado/marido Cláudio. Seu ministro e conselheiro, Polônio, memorável pela linguagem pedante e conduta desastrosa, partilha com Hamlet uma curiosa paixão filológica. Na tentativa de elucidar a razão da suposta loucura do príncipe, acaba morto por este, quando, escondido no aposento real, é confundido com o rei. Ofélia, filha de Polônio, cortejada e depois repelida por Hamlet, consome-se em sua dor e enlouquece, até morrer afogada. Nas poucas cenas onde aparece, faz-se notar por uma linguagem hesitante, às vezes bizarramente poética, finalmente pontuada de alusões obscenas, incompatíveis com seu perfil virginal. Em torno dessas personagens centrais, além de serviçais, sentinelas e oficiais, gravitam outras figuras memoráveis: Horácio, fiel amigo de Hamlet; Laertes, o bravo e impulsivo irmão de Ofélia; Rosencrantz e Guildenstern, cortesãos servis. Em oposição a Hamlet, de perfil controverso, inclinado à meditação (*the pale cast of thought*, 3.1), delineia-se o perfil de Fortinbras. Homem de ação, contraste e complemento para a figura de Hamlet, o príncipe norueguês avança contra a Dina-marca, tentando retomar as terras conquistadas pelo falecido rei, pai de Hamlet. Fortinbras chega a tempo de testemunhar a sanguinolenta cena final e de ser designado pelo próprio Hamlet sucessor ao trono da Dinamarca, esvaziado por várias mortes. Ao preço da própria vida, e da de sua mãe, Hamlet finalmente consuma a vingança. Em duelo com Laertes, este sequioso por vingar a morte do pai e da irmã, o príncipe, mesmo mortalmente atingido por um florete

traíçoeiramente envenenado, consegue levar na morte o pérfido Cláudio, assassino de seu pai.

O universo textual

Nos quatro séculos de sua existência, essa complicada trama, rica em mistérios e contradições, vem se prestando a incontáveis análises. Na visão de T. S. Eliot, é um exemplo de excesso. A mais longa do cânone shakespeariano, a peça, segundo Eliot, contém cenas supérfluas e incoerentes. Ao crítico também parecem excessivos o prolongado luto de Hamlet e seu sofrimento face ao comportamento da mãe. As considerações de Eliot encontram eco em vozes mais recentes, como a de Marjorie Garber. Ao destacar o intrincado xadrez da construção dramática, Garber aponta no texto algo semelhante ao excesso, ou seja, a compulsão à repetição. *Hamlet* tem dois reis, dois filhos clamando por vingança (Hamlet e Laertes), dois pais assassinados (Polônio e o velho Hamlet), dois casamentos, dois retratos — dos dois maridos de Gertrudes, que Hamlet, numa cena traumática, força a mãe a comparar. A duplicidade estende-se ao enredo, repetido: primeiro, na pantomima e depois na mini-peça, *O Assassinato de Gonzago*, ambas encenando o assassinato de um rei pelo irmão.

Emoldurados nesses jogos de espelhos, refletem-se ângulos múltiplos, tanto históricos e sociais, quanto filosóficos, psicológicos e metafísicos. O peso dessas questões é contrabalançado por recursos de entretenimento: canções, lances melodramáticos, tumultos populares, lutas, cenas de esgrima. Com esses meios espetaculares, mantinha-se o interesse das classes populares, presentes no heterogêneo público elisabetano. Para as camadas